Leitura de Literatura no Ensino Fundamental II: Uma Experiência Possível a partir do Circuito de Leituras

Mestranda Aline Souza de Jesus (UESC)[i]
Mestranda Eliana Aparecida da Silva Caliari (UESC)[ii]

Resumo:

A partir de algumas inquietações que constantemente temos acerca da leitura, e da falta dela, na escola, notamos em nossa prática de professoras de Língua Portuguesa que os alunos têm tido um afastamento progressivo da leitura, em especial da leitura de literatura, no Ensino Fundamental II. Sabemos que as razões para esse afastamento são muitas. Mas, independente de quais sejam, precisamos encontrar caminhos para solucionar ou ao menos diminuir o problema. Nesse sentido, este estudo ancora-se no pressuposto de que a leitura literária tem deixado lacunas na formação do leitor, dificultando o desenvolvimento da competência leitora e do gosto pelo texto literário. Para isso, com base nas ideias de Kleiman (1989 e 1995), Lajolo (2008), Paulino e Cosson (2009), Cosson (2012), Silva (1996 e 2009) e Zilberman (2009), apresentamos uma breve abordagem sobre a importância da escola na formação do leitor e do leitor literário, discutimos a relevância do espaço da biblioteca na escola e do PNBE para auxiliar no acesso aos livros e na formação da competência leitora e, por fim, sugerimos uma proposta de leitura literária a partir de um Circuito de leituras, no intuito de promover o envolvimento do aluno com a leitura e desenvolver um trabalho significativo com o texto literário. Desse modo, acreditamos ser possível contribuir com o processo de formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental II para que possam se apropriar do próprio processo de leitura e dar continuidade ao estudo e à fruição dos textos literários no Ensino Médio e em outros espaços sociais.

Palavras-chave: leitura literária, leitor, PNBE, circuito de leituras

1 Introdução

Pensar na literatura como elemento significativo para a formação leitora do indivíduo faz-nos, como educadoras, refletir como ela é trabalhada no Ensino Fundamental e querer que faça parte do cotidiano da sala de aula. É inegável a necessidade de ler, não aquela leitura obrigatória que se faz para determinado fim avaliativo, mas a leitura que nos faz sair de nós e viajar por mundos imensos e vastos e ricos de tantas histórias.

Diante da realidade tecnológica atual, uma questão nos angustia: Como promover uma formação leitora significativa aos jovens que se habituaram ao *fast food*, às mensagens instantâneas, à fugacidade do tempo e das coisas que ele consome? É um incômodo que mexe com grande parte dos professores, especialmente com os de Língua Portuguesa, que sabem da importância da real transformação que a leitura pode proporcionar.

Nesse sentido, a escola tem um importante papel, pois é nela que as práticas sistematizadas de leitura ocorrem. Para pensar o leitor, é preciso trazê-lo para o centro, enxergá-lo como o interlocutor do texto. O leitor precisa ser um sujeito que se sinta responsável por preencher as lacunas que o texto possui, numa atitude que envolve criticidade e construção de sentidos. O ato de ler precisa ser uma tarefa acessível, prazerosa e significativa para o aluno, pois

> [...] ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler na sala

> de aula: para uma grande maioria dos alunos a leitura é difícil demais justamente porque não faz sentido (KLEIMAN, 1995, p. 16).

Quando se trata de leitura literária no Ensino Fundamental, essas dificuldades para o envolvimento do aluno ainda são maiores. Sentindo-nos, portanto, incomodadas com o rumo que a escola tem dado à leitura, em especial à literária, e acreditando que nós professores de Língua Portuguesa podemos mudar essa realidade, discutimos neste artigo práticas que podem aproximar o aluno do texto de forma envolvente, a partir de um Circuito de leituras.

Dividido em três seções, o artigo apresenta, na primeira, a importância da escola enquanto instituição responsável pela formação leitora do aluno, em especial do leitor literário, e a necessidade de uma prática escolar para o letramento literário. Na segunda seção, discute a relevância da biblioteca escolar e do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) para garantir que os alunos tenham acesso aos livros e contribuir para que a formação da competência leitora. Na última, apresenta uma proposta de trabalho com os livros de literatura do PNBE, intitulada por nós de Circuito de leituras, no intuito de promover para os alunos do Ensino Fundamental II uma leitura prazerosa e contribuir para a formação leitora desses alunos, a partir dos recursos disponíveis na própria escola.

2 A Escola e a Formação do Leitor

A leitura assume, no âmbito da comunicação social, uma dimensão bem mais ampla do que a simples decodificação de um sistema de signos. O ato de ler implica diálogo e deve ser um exercício de indagação, de reflexão crítica, de entendimento, de captação de símbolos e sinais, de mensagens, de conteúdo, de informações. Trata-se de um exercício de intercâmbio, uma vez que possibilita relações intelectuais e potencializa outras, permitindo a formação de conceitos próprios, explicações e entendimentos sobre realidades com as quais os indivíduos se defrontam. Por isso, “[...] seja no âmbito coletivo, seja no plano individual, a conquista da habilidade de ler é simultaneamente o primeiro passo na direção da liberdade, de uma parte e de outra, para a assimilação dos valores da sociedade” (ZILBERMAN, 2009, p. 27).

No percurso de formação de um leitor, todo um caminho deve ser preparado para que este, ao experimentar o prazer de realizar o desvendamento do texto, não se permita parar de ser um leitor, pois a leitura é uma atividade que implica em procura por parte de quem lê, e isso nos remete a Kleimam (1989), quando coloca o ato de ler como um processo interativo difícil de ser estabelecido sem o engajamento dos vários campos do conhecimento do leitor, uma vez que: “É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual e o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto” (KLEIMAM, 1989, p.13). A leitura promove, portanto, o conhecimento do mundo, oportunizando a comunicação de sentimentos, pensamentos e ações que vão modificar a realidade,

> [...] na verdade, todos nós construímos e reconstruímos nossa identidade enquanto somos atravessados pelos textos. O que cada um é, o que quer ser e o que foi dependem tanto de experiências efetivas, aquelas vividas, como da leitura que se faz das próprias possibilidades de ser e das experiências alheias a que tenha acesso por meio dos textos (PAULINO; COSSON, 2009, p. 69).

Considerando-se, então, a importância da leitura na formação do ser humano, a escola deve propiciar a construção de conhecimentos do aluno nas diversas dimensões, possibilitando um trabalho que contemple a formação de cidadãos que exercitem e construam a sua verdadeira cidadania, sintonizados no tempo e no espaço. Para tanto, é preciso assegurar aos educandos o acesso às informações sobre o mundo, de forma que eles possam sistematizá-las, refletindo e partilhando situações de busca e construção do conhecimento. É o fazer reflexivo presente no cotidiano da escola, no qual o professor é mediador, que pode legitimar o desejo de ler nos alunos.

Assim, é necessário transformar a escola em um espaço onde a autonomia e a cidadania façam parte do seu cotidiano, tornando-a um lugar apropriado para desenvolver a competência leitora.

Com isso, surge a necessidade de que o professor incorpore em sua prática docente a leitura de diversas tipologias textuais, permitindo aos alunos a análise das várias linguagens presentes no dia a dia. A atual sociedade tem exigido uma nova prática frente ao uso de novas formas de comunicação, o que oferecerá possibilidades de análise e aprendizagem diante de uma leitura crítica de textos que lançam mão da imagem ou da palavra, discutindo a que visão de mundo e a que estilo de vida remetem.

2.1 A leitura literária

O foco das aulas de Língua Portuguesa deve ser o texto e as práticas de leitura e de produção que ele demanda. Vale destacar que o texto literário, em especial, precisa ser objeto de estudo no cotidiano da escola, uma vez que é necessário ressaltar a riqueza da linguagem literária, pois, segundo Bordini, “[...] todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente” (1993, apud ROSING; BECKER, 2005, p. 46).

Nesse sentido, é de fundamental importância que a escola coloque no centro de sua prática a leitura efetiva de textos literários, fundamentada e organizada com objetivos claros de formação leitora, compreendendo que a literatura tem um papel importante a cumprir no âmbito escolar.

Formar um bom leitor de textos literários é apresentar estratégias metodológicas que se adequem à realidade sociocultural dos leitores, uma vez que

> [...] a obra de ficção avulta como modelo por excelência da leitura. Sendo uma imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira completa e fechada; ao contrário, sua estrutura, marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e das figuras propostas, reclama a intervenção de um leitor, o qual preenche essas lacunas, dando vida ao mundo formulado pelo escritor (ZILBERMAN, 2009, p. 33).

Assim, torna-se urgente que a escola tenha uma prática para o letramento literário. Paulino e Cosson (2009, p. 67) apontam o “[...] letramento literário como processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Deve-se destacar, sobretudo, que o letramento literário é uma prática social e, como tal, é de responsabilidade da escola (COSSON, 2012). Certamente o letramento literário só poderá ocorrer se o aluno estiver em contato constante com o texto literário, uma vez que “[...] cabe entender o significado da leitura como procedimento de apropriação da realidade, bem como o sentido do objeto por meio do qual ela se concretiza: a obra literária” (ZILBERMAN, 2009, p. 30).

Nessa perspectiva, compreendemos que trabalhar com o texto literário em sala de aula de forma significativa, promovendo o letramento literário de nossos alunos, torna-se muito importante, pois é a partir dos textos literários que podemos, como afirmam Paulino e Cosson (2009), educar os sentimentos dos nossos alunos e favorecer para que estes entendam as relações que permeiam a sociedade na qual se inserem.

Enfim, a construção de uma educação literária relevante no Ensino Fundamental II, perpassando pelo letramento literário, deve contemplar a definição clara de objetivos, critérios de escolha dos livros, metodologias e formas de avaliação coerentes com o processo de construção do conhecimento. O texto literário deve ser utilizado como meio de educar os cidadãos para a leitura, a partir da interferência crítica do professor, que exerce um papel fundamental para a ampliação da competência leitora dos alunos, a partir do contato com textos culturalmente significativos e o entendimento do que os torna significativos.

3 Biblioteca e PNBE: Recursos de Incentivo à Leitura

Não há como desconsiderar o fato de vivermos em um país no qual, apesar de o acesso à leitura já ser muito melhor que há 10 anos, inúmeras pessoas ainda não têm condições para aquisição de livros. Na realidade, outras necessidades vêm antes na lista de prioridades em grande

parte das famílias dos nossos alunos das escolas públicas brasileiras. O que fazer então com o fato de que os livros não cabem entre o pão e o café de cada dia?

Solucionar este e outros tantos problemas concernentes à leitura requer mais que boa vontade, requer ação. É preciso fazer uso dos recursos de que dispomos e encontrar uma forma de resolver a falta dos que deveríamos dispor. Entre tantos recursos necessários para formar alunos leitores da palavra, da vida e do mundo, a biblioteca constitui-se um dos meios mais importantes. Vale ainda dizer que

> [...] ensino e biblioteca são instrumentos complementares [...]; ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura será, por seu lado, instrumento vago e incerto (LOURENÇO FILHO, 1944, apud SILVA, 2009, p.187).

Valorizar a biblioteca como uma fonte de recursos aliada à aquisição dos conhecimentos torna-se de suma importância para que a leitura efetivamente ocorra. Entretanto, apesar de seu valor ser reconhecido por todos os educadores, a realidade de nossas escolas brasileiras é bem distante do ideal. Não são todas as escolas que possuem bibliotecas e das que possuem, boa parte não as utiliza como deveriam, tanto em relação ao espaço, transformado em depósito ou local de xerox, como em relação à sua funcionalidade, sendo tratada muitas vezes como lugar de correção, castigo ou apenas como lugar para pesquisa.

A compreensão do valor que deve ser dado à biblioteca, ao contrário do que muitos pensam, não deve estar apenas na consciência dos professores de Língua Portuguesa. Concebê-la como lugar onde o aluno experimenta, através da leitura, outras sensações distintas daquelas vivenciadas em sala de aula, é dever de todos os profissionais envolvidos na estrutura escolar, pois

> [...] a organização e o funcionamento de bibliotecas escolares exige e exigirá o *esforço* e *cooperação* dos administradores, professores, alunos, bibliotecários e membros da comunidade. [...] *esforço* significa atualização política, pedagógica e de conhecimentos; *cooperação* significa partilha na disseminação de uma nova intuição de vida, coroada pelo trabalho produtivo coletivo (SILVA, 1996, p. 195).

Conscientes de que a biblioteca é um espaço especialmente importante na escola, os educadores precisam criar estratégias para motivar os alunos a se sentirem convidados a frequentá-la com ou sem o professor, concebendo-a como um lugar onde se pode, além de pesquisar, experimentar o prazer que o livro pode trazer, sensorialmente ter contato com diversas obras, exercer seu poder de escolha e construir seu gosto de leitor. Para isso, a implantação de novas bibliotecas e a organização das já existentes é imprescindível.

Percebendo a urgência em formar alunos leitores, apesar de todos os problemas enfrentados em nossas escolas públicas, no que tange à existência e utilização das bibliotecas no espaço escolar, facilitar o acesso dos alunos ao livro e munir os professores de materiais para estudo e para concretização de planejamentos voltados para a leitura, surgiu o Programa Nacional Biblioteca da Escola, o PNBE. Esse Programa constitui-se em uma alternativa para a redução de, ao menos, alguns dos problemas relacionados à formação do leitor: o acesso ao livro e a relação entre os alunos e o mundo da leitura, para que, por fim, sejam capazes de construir sua própria leitura de mundo (LAJOLO, 2008).

O PNBE teve início em 1998, com um acervo contendo 215 títulos, dentre os quais se incluíam "obras clássicas e modernas da literatura brasileira, enciclopédias, atlas, globos terrestres, dicionários, livros sobre a história do Brasil e sua formação econômica e um Atlas Histórico Brasil 500 Anos, distribuído às escolas de 5ª a 8ª série" (BRASIL , PNBE)[1]. Ano a ano, progressivamente, o público foi se ampliando e o alcance do Programa também. Hoje, atinge a todas as escolas

---

[1] Todas as citações referentes ao PNBE foram extraídas da página oficial do programa, disponível em www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola. Acesso em 18 de maio de 2014.

públicas que foram cadastradas no censo escolar que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) realiza anualmente, sem que a adesão seja necessária:

> O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) tem como objetivo prover as escolas de ensino público das redes federal, estadual, municipal e do Distrito Federal, no âmbito da educação infantil (creches e pré-escolas), do ensino fundamental, do ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA), com o fornecimento de obras e demais materiais de apoio à prática da educação básica (BRASIL, PNBE).

Podemos notar que passos importantes vêm sendo dados para que as melhorias por que tanto ansiamos aconteçam. Além de ter bem definido o público ao qual o programa pretende atingir, as escolas recebem os acervos que se dividem em três tipos de material: “O PNBE do Professor”, “O PNBE Temático” e o “PNBE Periódicos”. Os acervos se compõem de obras de apoio à formação do professor, obras de literatura, de pesquisa, de referência, bem como de outros materiais facilitadores do acesso às fontes de informação, ao incentivo à leitura e à formação tanto de alunos, quanto de professores leitores (BRASIL, PNBE).

Diante da necessidade de compor um acervo diversificado que alcance todas as formas de manifestação da língua por meio da literatura, os livros componentes dos acervos do “PNBE Temático” dispõem de grande variedade de gêneros literários como clássicos da literatura universal, biografias, contos, crônicas, novelas, teatro, histórias, romance, memória, diário, relatos de experiência, livros de imagens e histórias em quadrinhos. Quanto à distribuição desses acervos, isso ocorre da seguinte forma:

> Nos anos pares são distribuídos livros para as escolas de educação Infantil (creche e pré-escola), anos iniciais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos. Já nos anos ímpares a distribuição ocorre para as escolas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio (BRASIL, PNBE).

Espaço preparado, público delimitado, material selecionado, modo de distribuição eficaz. Essas iniciativas solucionam o problema de leitura de literatura na escola? Nesse momento, entra o papel dos mediadores de leitura. Sem a mediação, diminuem as possibilidades de os problemas supracitados serem resolvidos. O PNBE, como podemos notar, é um investimento interessantíssimo no que tange ao acesso proporcionado aos alunos das escolas públicas ao livro de literatura. Apresentar esse acervo aos estudantes, no entanto, é papel do bibliotecário e do professor. Talvez não seja possível, em todas as escolas às quais esse acervo chega, utilizar o espaço da biblioteca, mas isso não deve ser empecilho para que a leitura saia do plano das nossas convicções de necessidade iminente e passe ao plano da concretude de realização: às mãos dos alunos.

4. Um Convite à Leitura Literária: O Circuito de Leituras

Realizar sonhos dá trabalho. Não há caminho mais árduo do que quando se decide seguir um sonho no qual se acredita. Requer tempo, dedicação, atenção. Quando se pensa em sair do sonho para a ação, no que concerne à leitura ativa dos nossos alunos, esse trabalho é dobrado. Fazer uso da biblioteca e dos recursos disponibilizados pelo governo por meio do PNBE como forma de fomento à leitura e à formação do leitor literário exige planejamento, estratégia, metodologia e uma prática de letramento literário.

Já que o PNBE resolveu parte dos problemas, que é o acesso ao livro, cumpre agora a nós educadores resolvermos outro: tornar os alunos leitores desses livros como forma de abrir as portas para outras leituras futuras, ampliando e estabelecendo uma relação sólida do aluno com a literatura.

Paulino e Cosson (2009) apontam algumas práticas que poderão ajudar a promover o letramento literário na escola. Em princípio, é preciso constituir uma comunidade de leitores na qual os textos possam circular e possam se respeitar as dificuldades de respostas a essas leituras. Os autores sugerem que para efetivar essa comunidade, o professor deve formar grupos de estudo,

rodas de leitura ou outras estratégias que permitam o compartilhamento de leituras relacionadas ao universo da literatura (PAULINO; COSSON, 2009).

Para tanto, nossa proposta é a criação de um Circuito de leituras, cujo objetivo consiste em despertar o gosto pela leitura e desenvolver um trabalho significativo com o texto literário, tendo como público alvo alunos do Ensino Fundamental II. O Circuito estrutura-se em duas etapas: a preparação, que traz o professor como figura central, e a realização, que tem o aluno como partícipe principal e o professor como mediador.

Na primeira etapa do Circuito organizam-se os elementos essenciais para que a próxima etapa aconteça eficazmente. Essa etapa inicial divide-se em quatro momentos: o levantamento, a escolha e a seleção das obras, a listagem dos livros e a organização do material.

No primeiro momento, o levantamento do acervo do PNBE na biblioteca da escola é de suma importância para se checar se a quantidade de livros à disposição de empréstimo contempla as turmas que se quer atingir. Nessa ocasião, o professor, juntamente com o bibliotecário, busca nos registros da biblioteca o controle do acervo para se certificar de que ela dispõe de todo o material necessário.

O segundo momento vai exigir tempo do professor. Aqui ele vai selecionar os livros que sejam direcionados ao público escolhido, numa quantidade que permita a cada aluno das turmas participantes ter em mãos uma obra. O critério de seleção dessas obras literárias não se baseia na unicidade, mas na variedade de características, gêneros e assuntos abordados. A intenção é que os alunos tenham acesso a uma grande variedade de livros literários.

Feita a escolha dos livros, o professor parte para o terceiro momento: a seleção e a listagem do material. Lista-se o nome de todos os livros selecionados para cada turma, deixando espaço ao lado de cada título para que seja colocado o nome do aluno que posteriormente ficará com cada um deles. O ideal é que a biblioteca fique com uma cópia e o professor com outra. Esse momento é importante para que, tanto o responsável pela biblioteca quanto o professor, tenham controle sobre os livros que serão retirados, a fim de que se assegure o retorno, bem como a conservação desse material.

No quarto e último momento da primeira etapa, o professor parte para a organização do material que utilizará para a próxima etapa: vídeos e textos de motivação para a leitura e elaboração do planejamento de situações dinâmicas de sondagem acerca da concepção do aluno sobre a leitura.

Concluídos os momentos destinados à primeira etapa, dá-se início à segunda: a realização do Circuito de leituras. Objetivamos, na realização desse Circuito, fazer os alunos experienciarem a leitura, e essa experiência intenciona ser, não a leitura para ser avaliada, mas para ser vivida, sentida, incorporada pelo aluno. Intentamos despertar o prazer por meio do texto literário.

A segunda etapa estrutura-se em cinco momentos subsequentes: a motivação, a leitura e o registro, a troca, a exposição e a escrita. A motivação é o momento em que o professor, por meio dos instrumentos preparados na primeira etapa para esse fim, sonda e provoca os alunos sobre a importância da leitura, sobre o fato de que a leitura tem papel fundamental em sua constituição como sujeitos participantes efetivos do mundo em que vivem, sobre a delícia de se deixarem envolver por histórias que os levarão para além das margens de si mesmos, para além das margens de suas próprias histórias e outras vezes que os trarão de volta para quem realmente são.

Nesse sentido, Paulino e Cosson (2009) salientam a delimitação do papel a ser cumprido pelo professor na formação do aluno enquanto leitor literário. O professor deve direcionar o trabalho com os textos, a fim de construir no aluno um repertório no intuito de fortalecer a experiência literária, uma vez que a simples fruição não assegura a formação crítica do leitor. Sendo assim, o professor deve preparar o aluno para se dirigir à leitura literária de forma curiosa e compreensiva, numa busca voluntariosa de descobertas no texto e suas nuances sociais, políticas, econômicas, históricas e culturais, para que o mesmo possa se sentir como parte integrante da leitura e do mundo abarcado pelo conteúdo textual.

Uma sugestão de sequência para o momento da motivação é que, inicialmente, o professor faça uma "tempestade" de ideias, sondando o que os alunos pensam sobre a leitura literária, sobre a

frequência com que leem e que compartilhem suas histórias de leitura. Em seguida, a motivação pode dar-se através dos vídeos e textos separados anteriormente. O tempo de conclusão desse momento dependerá da percepção do professor quanto à recepção positiva dos alunos em relação à leitura.

Depois de provocados quanto à importância da leitura literária, é fundamental que o professor apresente aos alunos como se dará a dinâmica do Circuito: leitura, registro, troca, leitura, e assim sucessivamente, até que todos tenham lido e registrado todos os livros do grupo.

O segundo momento já está, portanto, pronto para acontecer: a leitura e o registro. Antes de distribuir os livros selecionados e separados, o professor deve dividir a sala em grupos de quatro alunos em média. Dividida a turma, os livros são espalhados pelo chão da sala (devidamente protegidos sobre um tapete, toalha ou papel para evitar o contato direto com o chão). Os alunos, sinestesicamente, têm o seu primeiro contato com os livros escolhidos. Olham, folheiam, sentem o cheiro, veem as imagens de capa, as sínteses feitas nas contracapas e, por fim, escolhem o que mais lhes agradar. Eles ainda não sabem quase nada sobre o livro, o que é proposital. O livro deve ter seus segredos revelados página a página, paulatinamente. Dá-se início ao Circuito de leituras.

Em posse do livro escolhido, o aluno passa à leitura que, depois de concluída, será registrada. Os alunos devem ter um caderno de registros das suas leituras, no qual eles anotarão informações essenciais sobre a própria experiência com cada obra lida. Sugerimos que esses registros sigam a sequência autor, obra, resumo, crítica e curiosidades. Eles devem anotar o nome do livro e seu autor, em seguida fazer um breve resumo do livro, sintetizando o que a obra trata. Depois disso, devem avaliar criticamente a leitura, respondendo aos questionamentos: “Gostou ou não gostou do livro? Por quê?”, e, por último, pesquisar alguma curiosidade sobre o livro ou sobre o autor. Findo o registro, o aluno faz a troca do livro que leu por outro que ainda não fora lido por ele dentro do grupo. E, assim, ele repete o Circuito até que tenha concluído todas as leituras.

No momento seguinte, acontece a exposição das experiências de várias formas. O grupo se reúne e escolhe o livro que mais gostou de ler e expõe para a turma. O professor pode orientar que sejam feitas várias atividades para esse fim, como apresentação de monólogos, desfile de personagens, recriação do final do livro, encenação de um trecho da obra, narração da história usando a linguagem imagética, entre outros. O importante é que haja a troca de experiências e que as leituras consideradas mais satisfatórias possam motivar outros alunos a também quererem ler o livro.

Por fim, partimos para o último momento: a escrita. A esse respeito, Paulino e Cosson (2009) destacam o lugar da escrita na interação com a literatura, a fim de oportunizar aos alunos o exercício com as palavras. Os autores salientam a necessidade de

> [...] formação de um sujeito da linguagem, de um produtor de textos, de um leitor que tenha a competência de interagir com a literatura em várias frentes, selecionando livros, identificando diferentes suportes com seus intertextos e articulando contextos de acordo com seus interesses e da sua comunidade (PAULINO;COSSON, 2009, p. 76).

Com o intuito de familiarizar o aluno com fazer literário e com a prática de uso da língua escrita, o professor deve orientar, a partir das leituras realizadas, a escritura de novos textos, por meio de paráfrases, estilizações, paródias, poemas, cordéis, entre outras formas de produção escrita. Depois de revisadas e reescritas, as produções podem ser expostas em murais espalhados pela escola, reunidas e produzidas graficamente em forma de livro, encenadas teatralmente, entre outras formas de exposição das produções. O importante é que as sejam socializadas em outros espaços como a biblioteca, a coordenação, sala de professores e a própria comunidade, dando sentido à produção textual do aluno.

Enfim, o aluno precisa ser cativado, conquistado para o caminho da leitura literária. Uma proposta de leitura para o letramento literário precisa oportunizar um trabalho em busca das possibilidades de interpretações permitidas pelo texto literário de forma compreensiva, sendo

necessário frisar que existe uma enorme e determinante diferença entre a leitura funcional dos espaços cotidianos e a interpretação da vida e da história do mundo, transcrita nos mais diferentes tipos de obras literárias. E, quanto mais elevado e diversificado o nível da leitura, maior a possibilidade do cidadão ser intérprete não só do texto, mas de ter também competência para relacionar o texto ao contexto, aos conhecimentos, aos valores, aos sentimentos, às ideologias e aos meandros do poder e da luta entre os homens.

Considerações Finais

Muito mais que formar leitores, precisamos formar leitores literários. Assumir a responsabilidade disso é nosso papel enquanto professores. Sem peso, sem gravidade, sem reclamações demasiadas, o que nos cabe é viabilizar aos alunos uma leitura prazerosa, leve e consciente para que seja significativa. O Circuito de leituras, proposto por nós nesse trabalho, pretende ser uma forma de facultar a outros professores uma das muitas saídas para o incômodo do qual partilhamos: a resistência dos nossos alunos do Ensino Fundamental II à leitura literária.

Há inúmeras alternativas que podemos implementar para tentar resolver essa lacuna imensa que a falta da leitura tem deixado nas vidas dos nossos alunos, em nossas vidas e no mundo em volta como um todo. Faz-se necessário, então, criar espaços e momentos em sala de aula para substituir as bibliotecas que nos faltam, ajudar a melhorar a qualidade das que temos, fazer bom uso dos mecanismos de acesso aos livros fomentados pelo governo, como o PNBE, oportunizar aos alunos estratégias, como as do Circuito de leituras, que proporcione a experiência da leitura literária de maneira mais profunda.

Faltam-nos muitas bibliotecas, e as que temos, na maioria das vezes não atendem ao que imaginamos que seja o ideal para realizarmos nossos intentos de formar leitores críticos e capazes de influir na sociedade. Entretanto, acreditar que é possível fazer muito do pouco que temos é um primeiro e grande passo para alcançarmos o que queremos: tirar nossos alunos da mediocridade estatística de leitores iletrados, de cidadãos sem voz e anulados politicamente e de seres humanos pouco influentes nas engrenagens do conhecimento do mundo e de si mesmos.

Referências

1] BRASIL. *Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE*. Disponível em: www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola. Acesso em 18 de maio de 2014.

2] COSSON, R. *Letramento literário:* teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2012.

3] KLEIMAN, A. (Org.). *Os significados do letramento:* uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

4] KLEIMAN, A. *Texto e Leitor:* aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1989.

5] LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.

6] PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K. (Org). *Escola e Leitura:* velhas crises, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

7] ROSING, T. M. K.; BECKER, P. (Org.). *Leitura e animação cultural:* repensando a escola e a biblioteca. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2005.

8] SILVA, E. T. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K. (Org.). *Escola e Leitura:* velhas crises, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

9] SILVA, E. T. *O ato de ler:* fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

10] ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K. (Org.). *Escola e Leitura:* velhas crises, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.